



QUANDO O FIM É O COMEÇO

Poucas pessoas sabem o que acontece com o nosso corpo quando morremos

TEXTO VIRGINIA SILVEIRA FOTOS MARCELO GOMES

O corpo não tem mais vida. Quando os bombeiros são acionados, precisam fazer de tudo para tentar reverter esse quadro. "Mesmo sabendo que muitas vezes é irreversível, temos que investir, às vezes pelo fato de os familiares estarem observando", explica Gilmar Paulo Hannauer, bombeiro há 18 anos, os últimos três deles passados em Carlos Barbosa, cidade da Serra Gaúcha, a 100 quilômetros de Porto Alegre. Se o coração parar de bater e a pessoa parar de respirar, ainda assim é preciso insistir. "Infelizmente tem vezes que não dá. É um sentimento de tristeza pelo fato de não ter conseguido salvar a esposa. Fico triste quando são conhecidos, amigos, pessoas da família. Essa sensação é horrível. É ruim."

Segundo Hannauer, na hora da morte muitos acabam fazendo confissões, para aliviar a mágoa que sentem. "Eles querem falar o que fizeram de ruim." Mas ele tem consciência de que também corre riscos. "A gente sai de casa com a intenção de, se acontecer alguma coisa, morrer salvando alguém."

Diferente das outras pessoas, para os bombeiros, encarar a morte é uma coisa normal, ainda mais com a sensação de que nada pode ser feito. "A morte é natural. Todo mundo vai morrer de um jeito ou de outro, e a gente tem que aprender a conviver com a morte", coloca. Se depois das tentativas de salvar uma vida ela não resistir, aí o trabalho encerrou para ele.

Chega a hora do "Leandro da Funerária" entrar em ação. Assim que é feito o chamado, não importa a hora, Leandro Oliveira, normalmente em companhia do irmão Luciano, sai de sua casa e chega rapidamente à funerária que fundou há 13 anos. Para ele, lidar com os corpos sem vida é completamente normal: "A pessoa estava viva até há pouco. Por que o trata-

mento tem que ser diferente?", questiona.

Apesar da necessidade de lidar com frieza com os acontecimentos, segurar a emoção em meio a um local onde as lágrimas estão à flor da pele é um desafio. "Quando tu vês estás envolvido com aquela trama, e se tu não saíres disso, não podes trabalhar. Várias vezes durante uma despedida tu te pegas chorando junto com a família, porque tu conhecias, te davas bem, era pai de um amigo teu. Não somos de ferro. As pessoas acham que torcemos pela morte, mas bate na minha porta também. Estou consciente de que amanhã vou enterrar meu irmão, meu pai, minha mulher", desabafa, contando que preparou os corpos de sua mãe e de sua madrinha para o velório, entre outras pessoas próximas.

A preparação de um cadáver para a cerimônia de despedida não causa repulsa, como muitos acreditam, mas sem dúvida não é algo agradável, ainda mais se o corpo que jaz sem vida for de alguém conhecido. Alguns procedimentos são bem particulares e todos eles somente são presenciados por profissionais. Cada circunstância exige um cuidado diferente. O mais básico quando se trata de preparação do corpo é a aspiração abdominal, a injeção de fluido para conservação, o tamponamento e, por fim, a vestimenta, colocação no caixão com detalhes finais estéticos. Após acidentes ou nos corpos submetidos a necropsia, o processo é um pouco mais complexo, pois há uma reconstituição, onde são feitos pontos intracutâneos nos cortes abertos pelo médico ou nas feridas causadas pelo choque. Cadáveres que passarão por traslado para locais distantes também têm tratamento especial, com tanatopraxia (que retarda a decomposição das células) ou embalsamamento.

Uma sala de aproximadamente 25 metros quadrados, toda em azulejo branco, com apenas um balcão, uma mesa de alu-

mínio com um pequeno motor embaixo, um cartaz que lembra os passos do processo na parede, três janelas basculantes e duas portas. Dessa simplicidade é o tanatório, o local onde toda a preparação do corpo é feita.

Quem vê Leandro pronto para o preparo do corpo poderia confundir-lo com um médico. De jaleco branco, luvas cirúrgicas e máscara no rosto, ele inicia despindo o cadáver que será limpo, preparado e vestido então para o funeral. Durante todo o processo a família fica afastada do tanatório. "Precisamos fazer procedimentos que são inadequados para a família ver. É chocante", avisa Leandro. De fato, os 30 centímetros da haste que perfura o tórax para realizar a aspiração abdominal assustam. A aspiração consiste em sugar os líquidos, inclusive o sangue, de órgãos vitais como coração, pulmão e estômago, com uma bomba que funciona a motor. É a aspiração que possibilita minimizar, em casos de infarto, o tom roxo forte do rosto e do pescoço.

Feito este processo, é a vez de realizar o tamponamento, que é a obstrução das vias orais (nariz e boca) e eventualmente os canais íntimos quando há sangramento. Para isso o profissional usa muito algodão, juntamente com um pó granuloso absorvente que se transforma em gel em contato com os fluidos e secreções. Para finalizar o tamponamento, é costurada a boca com dois grandes pontos internos, e os olhos recebem uma gota de cola instantânea.

Quando a morte chega de repente

Em alguns casos em que o médico não consegue identificar a causa da morte, resta à família aguardar que o corpo seja encaminhado ao Instituto Médico Legal (IML), onde passa por uma necropsia. Inevitavelmente o corpo necropsiado recebe incisões em dois locais: na cabeça e no tórax.

Assim que sai do IML, o corpo é levado para a funerária. Lá receberá tratamento para ter condições de ser velado

pela família. "A maioria das funerárias não faz a reparação (ou reconstituição) no corpo. Preferem enfaixar a cabeça, que é mais fácil. Fica um aspecto feio e a família fica traumatizada, porque muitas vezes já perdeu esse ente de uma forma inesperada, de morte súbita ou acidente. Na despedida tu vais ver teu ente querido todo remendado", critica Leandro.

Para evitar o choque, é feita uma reconstituição. Nesses casos a preparação do corpo pode demorar até cinco horas. "Vamos lá, pontinho por pontinho, com paciência, para fechar bem o corte e conter o sangramento das incisões." Uma morte "normal" pode levar apenas uma hora e meia de preparação.

Os cuidados com o corpo variam de uma funerária para outra. No final algumas cortam a roupa na parte de trás e apenas envolvem o corpo. Mas vesti-lo não é difícil e dá um aspecto mais agradável, segundo Leandro. Para finalizar, é feita uma massagem e maquiagem. Diferente das crendices populares, a massagem é a forma alternativa ao mito de quebra de ossos quando o corpo já está rígido. Às vezes, o cadáver chega à funerária em uma posição na qual membros estão dobrados ou mal colocados em relação ao costume de como o corpo deve ficar para o velório. "Massageando por 20 minutinhos, os músculos ficam todos soltos e dá pra vestir e transferir o corpo com tranquilidade", explica.

A massagem também tira o roxo das mãos, para poder colocá-las entrelaçadas sobre o corpo com o terço, prática tradicional entre os católicos. No caso das mulheres, um pó facial e um batom cor de boca, para disfarçar o tom roxo dos lábios, finalizam a preparação junto com a pintura das unhas.

Depois de toda a função, pelas próximas 20 ou 24 horas o corpo fica sob os olhos chorosos da família. O processo se encerra com o enterro em um túmulo ou capela, onde o corpo irá se decompor pelos próximos anos.



No caixão, o corpo recebe os últimos detalhes, que incluem a pintura das unhas e a maquiagem



Leandro encara com naturalidade o trabalho na funerária

IMPRESSÃO DE REPÓRTER

Ao decidir encarar a matéria sobre os bastidores da morte, senti um pouco de medo por ser um fato muito presente na minha família. Fiquei receosa de acabar me envolvendo demais com o assunto. O profissionalismo que encontrei nos entrevistados, no entanto, acabou com qualquer dúvida sobre haver escolhido o tema certo. Apesar de já trabalhar em jornal há quatro anos, poder abordar um assunto tão complexo como esse em uma reportagem mais elaborada foi uma experiência muito interessante. Com a possibilidade de abordar com

maior profundidade um tema, e tendo diversas fontes dentro de uma única questão, o texto de revista se torna mais rico, fator raro quando se fala em jornal. Acompanhando a preparação dos corpos para o velório e o enterro, pude desmistificar alguns pensamentos que estão associados à morte e entender também como é complexo esse processo. A relação que o tanatólogo desenvolve com o corpo é fascinante, e foi interessante observar o trabalho. A morte é um dos mitos que desvendamos na **Primeira Impressão**.